

POR UM ESTUDO LEXICOGRÁFICO NO MEIO DOCENTE

Deise Bittencourt Friedrich (UFRGS)
deise_friedrich@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua natural registra o conhecimento do universo na forma de palavras. Ora, o tesouro vocabular de um idioma constitui um conjunto de dimensões indeterminadas. De fato, o número total de palavras de uma língua de civilização pode atingir uns 500.000 vocábulos ou mais. Além disso, sendo um conjunto aberto, novas palavras são criadas continuamente por nós, usuários, especialmente os mais cultos e mais criativos, e também pelos cientistas (as terminologias científicas), embora qualquer falante possa contribuir para a geração lexical.

Por outro lado, como afirma Lara (1992, p. 20), “o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas”. E como observa Rey (1994, p. XVII), “o dicionário constitui o acervo e o registro das significações que nossa memória não é capaz de memorizar”.

O dicionário é também e, sobretudo, um produto lingüístico; representa, pois, “o resultado de uma infinidade de atos verbais que, na experiência social, desligaram-se de seus atores” (Lara, 1992, loc. cit.) para passar a fazer parte do patrimônio cultural coletivo, especialmente o que foi dito inteligentemente no seio dessa sociedade. Mais do que nunca, o conjunto dos usos sociais da língua está refletido no dicionário.

Por tudo o que reúne, o dicionário cumpre a sua finalidade de instrumento de consulta, assumindo referência sobre a constituição e sobre o comportamento das palavras de um sistema lingüístico; como, em sua essência, a Lexicografia é uma atividade aplicada, há que ser concebida “como um conjunto de preceitos para fazer bem uma coisa” (Casabres, 1992, p. 10). Vale a pena lembrar uma afirmação de Bluteau (1712) em seu prólogo ao leitor: “não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso dellas & deste uso não há e-

vidência mais certa & permanente, a que nos fica nas obras dos Autores, ou manuscritos ou impressos”.

O referido autor evidencia, deste modo, uma clara consciência da importância da documentação escrita para registrar os usos das palavras. Bluteau (1712) considerou fundamental documentar esses usos e os significados das palavras com abonação de autores, indicando detalhadamente a referência, o que é uma novidade para o início do século XVIII. Ele é um típico representante da cultura humanista de seu tempo, e dando-nos uma visão elucidativa da importância de estudar a Lexicografia, para que se faça um bom uso do exercício de sua língua eficientemente e, que, assim, ela cumpra seu papel social.

Além disso, o estudo introdutório da Lexicografia e da Terminologia evidenciado em aula mostrou-se amplamente significativo na escolha deste trabalho, pois se deteve também na preocupação como docente de Língua Portuguesa, visto que a prática escolar e social passa a responsabilidade e a obrigatoriedade de se adotar um dicionário e sugeri-lo aos alunos, o que, muitas vezes, mostra-se errôneo, já que não há em nosso meio docente o estudo e a prática eficiente deste tipo de obra lexicográfica e terminológica que leve a escolher de maneira adequada um dicionário de língua materna.

Contudo, sabe-se que, no meio docente, muitos professores de língua materna possuem uma visão reducionista e neutra de ver os dicionários. Já que na maioria das vezes são vistos como todos iguais, apenas um “velho tira-dúvidas”, uma obrigatoriedade didática exigida pela escola e que deve constar na lista de materiais de cada ano letivo.

Nesse sentido, optou-se pelo estudo lexicográfico de dois dicionários monolíngües da Língua Portuguesa: Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete (5ª ed. v. 1, 1970) e o Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2. ed. 1986).

Por se tratar de dicionários muito usados e conhecidos no meio escolar e, por serem muito empregados por estudantes e por professores de Língua Portuguesa, pretende-se constatar se os mesmos são eficientes e adequados para o uso diário com os alunos. Porque, como se sabe, a adoção de um dicionário estabelece uma es-

treita relação no desenvolvimento de habilidades e de competências do aluno, no exercício diário com o léxico e que reflete diretamente nos processos de leitura e na produção de textos, além de fortalecer o vínculo entre o comportamento gramatical e linguístico adequados no exercício da língua materna.

Assim, cabe ressaltar algumas palavras de Manuel Alvar Ezquerro, um dos maiores estudiosos em teoria e prática lexicográfica:

O professor deve conhecer seriamente cada uma das obras lexicográficas existentes, ou ao menos as mais importantes para cada período de escolaridade. Mas, infelizmente, isto quase nunca acontece, deixando-se levar pela propaganda, quase sempre interessada, do editor ou por conselhos de livreiros ou de outras pessoas que nem sempre são autorizadas na matéria. (Alvar Ezquerro, s/d., 166)

Dessa maneira, serão analisadas as obras em questão sobre o ponto de vista lexicográfico aplicado e teórico, a fim de observar a realidade social desses dicionários tão difundidos no meio escolar sob três aspectos importantes: a proposta lexicográfica das obras, a sua confiabilidade e a sua adequação no exercício e na prática de língua portuguesa pelos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O dicionário de língua — a mais prototípica das obras lexicográficas — constitui-se no único lugar que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade linguística, permitindo que ela se reconheça a si mesma em sua história e em sua cultura. Além de se constituir em espelho da memória social da língua, o dicionário desempenha o papel de legitimar o léxico. E, como tal, alcança o estatuto de um código normativo que define parâmetros orientadores dos usos lexicais.

Conforme Krieger (2003), sem o hábito de discutir e definir critérios científico – pedagógicos para avaliar a vasta Lexicografia existente na língua portuguesa, o professor encontra dificuldades para se defrontar com a constante e difícil pergunta: “Qual é o melhor dicionário?” Em vez de uma análise crítica que lhe permita avaliar e comparar obras, para indicar a mais qualificada e a mais apropriada

ao seu projeto de ensino, ao nível de escolaridade de seu aluno, o docente acaba submetendo-se a uma lógica comercial e a critérios práticos, como o custo e o peso do livro”.

Além disso, segundo Bevilacqua & Finatto (2004), a finalidade da obra lexicográfica é, na percepção do usuário, a de, simplesmente, dirimir dúvidas. Sob esta ótica, a sua principal missão será auxiliar os falantes de uma língua com as suas dificuldades de ortografia, de categorização, e gramatical, além de prestar esclarecimentos sobre o significado e sobre o uso de uma palavra pouco utilizada, incluindo algumas informações etimológicas.

De acordo com Krieger (2005), elaborar um dicionário, junto a aspectos de estruturação da obra, é um fazer complexo que requer um paradigma teórico-metodológico consistente. O estabelecimento desse paradigma corresponde à determinação das regras de produção de um dicionário, consistindo em um dos mais importantes aspectos de uma qualificada Lexicografia aplicada. Isto envolve, entre outros aspectos, uma definição de objeto e de princípios para a elaboração lexicográfica, cabendo tomar decisões, por exemplo, a respeito da extensão do léxico a ser repertoriado, o que vai resultar na nomenclatura do dicionário, e da seleção de elementos históricos gramaticais e linguísticos a serem descritos.

Essas posições, repousadas nos dicionários brasileiros, reconhecidos pelos críticos desse tipo de obra e também por teóricos da linguagem em diferentes épocas, ensejam diferentes espécies de investigação científicas que, partindo da Lexicografia, irão ser tomadas como objeto de estudo rico e multifacetado.

Esses estudos, como observam Bevilacqua & Finatto (2006), uma vez produzidos e devidamente divulgados, com certeza, promoverão a maior visibilidade de uma crítica lexicográfica brasileira. Além disso, podem subsidiar investigações sobre a qualidade ou sobre a adequação de determinados tipos de dicionários, auxiliando a preencher lacunas de formação de professores na área de Letras e de Linguística, impulsionando uma melhor percepção do fazer lexicográfico em nossa sociedade.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo introdutório da Lexicografia e da Terminologia mostrou-se amplamente significativo na escolha deste trabalho, pois se deteve também na preocupação como docente de Língua Portuguesa, visto que a prática escolar e social passa a responsabilidade e a obrigatoriedade de adotar um dicionário e sugeri-lo aos alunos, o que, muitas vezes, apresenta-se equivocado, já que não há no meio docente o estudo e a prática eficiente deste tipo de obra lexicográfica e terminológica que leve a escolher de maneira adequada um dicionário de língua materna.

Contudo, sabe-se que, no meio docente, muitos professores de língua materna possuem uma visão reducionista e neutra de ver os dicionários. Porque na maioria das vezes são vistos como todos iguais, apenas um “velho amansa burro”, uma obrigatoriedade didática exigida pela escola e que deve constar na lista de materiais de cada ano letivo.

A respeito disso, optou-se pelo estudo lexicográfico de dois dicionários monolíngues da Língua Portuguesa: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* Caldas Aulete (dic 1) e o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (dic 2).

Por se tratar de dicionários muito usados e conhecidos no meio escolar e, por serem muito empregados por estudantes e por professores de Língua Portuguesa, pretende-se constatar se os mesmos são eficientes e adequados para o uso diário com os alunos. Porquanto, como se sabe, a adoção de um dicionário estabelece uma estreita relação no desenvolvimento de habilidades e de competências do aluno, no exercício diário com o léxico e que reflete diretamente nos processos de leitura e de produção de textos, além de fortalecer o vínculo entre o comportamento gramatical e linguístico adequados no exercício da língua materna.

Além disso, para maiores efeitos de análise, tornar-se-ão os itens de orientação da Superestrutura, Macroestrutura e Microestrutura, como guia para uma maior compreensão lexicográfica e terminológica de ambas as obras em questão. Após, a observação manual dos verbetes analisados, da linguagem contida no léxico, será observada a quantidade de ocorrências dos vocábulos em análise no site

do Google, as definições das palavras relacionais e se os dois dicionários inspiram confiabilidade para o trabalho em aula e para o uso no dia -a- dia dos usuários.

RESULTADOS

Superestrutura

Em dic 1, há uma tentativa de dar orientações aos usuários, porém mostra-se mais como uma “propaganda enunciativa” do próprio dicionário Caldas Aulete; como podemos exemplificar: “o nosso intuito, diz Aulete na exposição do seu plano, foi coordenar um dicionário portátil, para a maioria das pessoas que falam a língua portuguesa; um vocabulário que represente a língua portuguesa como ela é hodiernamente, contendo as palavras que são de domínio da conversação, de que boa parte não encontra nos dicionários nacionais”.

Apresenta nas páginas, após a capa, os seguintes itens: “Nota dos Editôres”, (Hamílcar Garcia e Antenor Nascentes), “O que vale o “Dicionário Contemporâneo” de Caldas Aulete, “Origem e evolução da Língua Portuguesa”, “Expansão da Língua Portuguesa no Brasil”, “A pronúncia normal brasileira da Língua Portuguesa”, “Alguns dos autores e obras citados e suas principais abreviaturas”, “Explicação dos sinais” e “Lista de Abreviaturas”.

Não apresenta uma bibliografia que tenha sido consultada, o papel é bastante grosso, as palavras-guia estão em negrito e aparecem no canto direito e esquerdo superior de cada página com a numeração de cada página, as letras são extremamente pequenas, para alguns verbetes apresenta exemplo, para outros, não. Como podemos exemplificar:

Avidez (ê), s.f. desejo vivo e ardente; cobiça. Grande desejo de comer ou de beber; apetite, voracidade, sofreguidão: Aqui está o fruto para a tua avidéz e para tua sede.

Avultações, s.f.pl. (pop.) parecenças, semelhanças.

Nesta obra, há muitas ilustrações: algumas centrais de uma página inteira e coloridas; outras, em preto e branco ao lado da lista dos verbetes.

Já em dic 2, após a capa há um índice e abaixo o prefácio, onde, após a detalhada leitura e análise, encontramos uma citação que cabe salientar: “mais do que chamar a atenção para as dores dos lexicógrafos, as quais, afinal de contas, talvez não tenham senão dessas vezes chegado a tanto, distrair o leitor com algo ameno, embora triste, e atraí-lo para o prefácio, tipo de leitura, sem dúvida, não muito apetecido...”.

O que Aurélio Buarque de Holanda Ferreira menciona no início do prefácio é suscitar o respeito pelo trabalho lexicográfico, enfatizando “as lentas e dolorosas enfermidades contraídas pelos mártires da Lexicografia devido às vigílias da mais opressiva tarefa suprema, a qual a Academia como ele menciona como única remuneração de sua inglória fadiga, um exemplar do Dicionário”. Após, dá uma orientação bem detalhada de como manusear o dicionário, aparecem instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, abreviaturas, siglas e sinais convencionais usados no dicionário e o Alfabeto Fonético Internacional.

Apresenta em alguns verbetes exemplificações e, em outros não, como podemos exemplificar:

Avincar v.t.d. vincar “a dor lhe avinca o duro aspecto ...” (Gonçalves Crespo, Obras Completas, p. 333. Conjug.; v. trancar.

Avidez (ê). S. f. 1. Desejo ardente, imoderado, veemente, de alguma coisa, 2. Ansiedade, sofreguidão. 3. Cobiça, ambição. 4. Voracidade, sede.

Além disso, apresenta uma vasta lista de 14 páginas de bibliografia ao final do dicionário, contudo o papel é um pouco inadequado para o manuseio, o tamanho das letras é extremamente pequeno tanto das palavras-guia, como as de significação dos vocábulos. O número das páginas está centralizado, toda a lista de consulta dos verbetes está dividida em três colunas e, nos lados esquerdo e direito superior, temos as palavras-guia em negrito como “guia”.

À guisa de conclusão, no que diz respeito à superestrutura, não há ilustrações.

Macroestrutura

Acerca dos verbetes escolhidos, muitos deles não encontram tanta ocorrência no uso e na escrita do português atual, como, por exemplo: Axadrez, que, mesmo no site de consulta, faz a menção, você quis dizer a xadrez, evidenciando o desuso. Outro verbeito é Avondoso, o qual foi usado e mencionado por Gil Vicente em edição de 1907 e, atualmente, usa-se como bondoso.

Dos dez primeiros verbetes analisados em ambos os dicionários, há uma baixa ocorrência como: Avoengueiro, 1-10, registrando apenas 89 ocorrências; Avogacia, 113.000 ocorrências; Avondoso; 382 ocorrências.

Em ambos os dicionários, temos considerações sobre afixos e preposições. Também se deve destacar, por exemplo, que existe toda uma explicação sobre a letra A. Ainda, retrata a ortografia padrão da época: o dic 1 respeita a ortografia vigente no Brasil em 1970, e o dic 2 respeita a ortografia de 1980 vigente em nosso País. O dic 1 traz referências a algumas expressões como sendo do Brasil (brasileirismos), e o dic 2, da linguagem típica do Sul do Brasil.

Microestrutura

As definições apresentadas em ambos os dicionários são bastante rebuscadas: no dic1 — mais que no dic 2 —, inclusive com ilustrações. A respeito disso, temos, como exemplo o verbeito abacaxi: no dic 1, este aparece descrito como planta bromeliácea, variedade do ananás, o fruto desta planta (Bras). No dic 2, temos uma definição mais compreensível: a parte comestível é a infrutescência carnosa resultante do crescimento das flores. BRAS do tupi i'ba, 'fruto'.

O que se reconhece é que a linguagem é bastante carente de exemplos em ambos os dicionários, tornando o léxico mais acessível ao entendimento dos verbetes. Aqui, no caso dos substantivos e dos adjetivos muitas vezes a ausência do exemplo empobrece a significação.

Muitos verbetes não correspondem aos usos reais no português atual, o que, de modo geral, deixaria, por parte daqueles, os dois dicionários quase em desuso de consulta para a atualidade.

CONCLUSÕES

Em uma visão geral, sabe-se o quanto um dicionário em termos qualitativos deve levar aos professores e aos alunos, pelo menos, confiabilidade; neste ponto, as duas obras em questão não contemplam totalmente esse item, uma vez que o usuário da língua portuguesa se depara nos dias de hoje com constantes mudanças no léxico.

Como docente, também deve-se considerar que a parte ilustrativa e os exemplos são essenciais para uma melhor compreensão dos verbetes por parte dos alunos, para garantir uma maior eficiência em trabalhar com a língua materna e para poder construir textos de maneira mais significativa.

O dicionário em sua função didática mais evidente mostra-se comprometido com a prática e com a responsabilidade pedagógica. No que diz respeito à escolha de dicionário, isso requer um amadurecimento para esta busca de estudos lexicográficos e que leve muitos professores a reconhecer esta árdua tarefa do lexicógrafo e do terminólogo, como essencial a fim de escolher de modo ideal um dicionário e levá-lo a trabalhar com este “veículo” vocabular tão rico, de forma dinâmica e, ao mesmo tempo, lexicográfica, para que outros colegas e até mesmo os próprios alunos saiam da visão reducionista de conceber os dicionários como todos iguais.

Neste sentido, o estudo destas obras mostrou-nos o quanto a Lexicografia teórica e aplicada é descritiva também em seguir passos, norteadores de um novo pensar e refletir a prática de se estudar os dicionários. Tal posição pressupõe divulgar os saberes lexicográficos para além de nossa prática escolar e significa comprometer-se em realmente conhecer um dicionário, estudá-lo, para depois indicá-lo como obra de referência e de consulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR EZQUERRA, Manuel. *Lexicografia descritiva*. Barcelona, p. 165-180.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970.

BEVILACQUA, Cleci et alii. Lexicografia e Terminologia: alguns contrapontos fundamentais. *Alfa*, São Paulo, p. 43-54, 2006.

FERRREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FINATTO, Maria José Bocorny. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. *Organon*, Porto Alegre vol. 12, nº 26, p. 133-146, 1998.

KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. *Revista Língua & Literatura, Frederico Westphalen*, ano 6-7, nº 10-11, p. 101-112.

_____. *A definição lexicográfica no novo dicionário Aurélio*. 1980. 214 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 1980.

WELKER, Herbert Andreas. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga*, Rio de Janeiro, ano 13, nº 19, p. 69-84, 2006.